

O juízo em suspenso no jardim de Ana Miguel

O sentido do sentido
se ganha e se perde
ao longo do dia.

De um lado do jardim de Ana estende-se um terreno fértil, semeado em fofas almofadas. Entre estas almofadas crescem flores vermelhas que dançam e se remexem, arriscando seu equilíbrio, agitando grandes pistilos fálicos. Como no paraíso original, corremos o risco de que “maus” pensamentos e “más” intenções nos perturbem.

Do outro lado, dois vestidinhos de lã. Um vermelho, enfeitado com pequenas germinações do mesmo material do vestido, das quais sobressaem alfinetes de metal. As mangas compridas do outro, de cor branca natural, terminam em olhos de boneca que piscam. O primeiro vestido entoa, com uma voz aguda, meloso e romântico, em inglês, “I’m your man” uma canção de Leonard Cohen. E o outro implora obsessivamente, em espanhol, com voz áspera de homem: “No te vayas, mi niño”.

Continuando o percurso, nos encontramos com quatro aranhas vermelhas que balançam numa teia, também vermelha, que flutua no alto, como uma nuvem. Podemos nos deitar sobre um acolchoado para brincar com elas, apoiando nossas cabeças sobre pequenos travesseiros que dizem I love you quando pressionados. A artista busca que o espectador se desloque e que o movimento do seu corpo acompanhe o do seu olhar. Obriga-o a desistir de uma atitude passiva para poder ver melhor a obra.

As almofadas nos amam e os vestidinhos cantam para nós. Uma voz de mulher diz ser um homem, enquanto uma voz de homem põe-se a suplicar, como costumam fazer as mulheres. Ana Miguel trabalha a partir da língua, demonstrando-nos que as palavras e o tom em que são ditas tanto aclaram como obscurecem o sentido, criando espaços de tensão. As convenções não chegam a determinar a natureza dos seres nem das coisas.

Quando cuidamos de um jardim, nos damos conta de que é um lugar vivo, em constante transformação, escreve a artista. No cuidado com o jardim vai se estabelecendo um diálogo entre este e o seu tratador, no qual as perguntas e as respostas se sucedem de forma arbitrária. Cada folha, cada ramo, cada inseto contribui para as pequenas mudanças que vão acontecendo a cada dia, modificando sua natureza.

Ana Miguel pensa os seus trabalhos a partir de sensações físicas nas quais se inscrevem as tensões e inseguranças que formam parte da nossa vida cotidiana. Com alguns elementos que têm a ver com as prendas femininas, aos quais incorpora olhos, dentes e alfinetes afiados, cria objetos e paisagens, com os quais maneja sutilmente o questionamento por meio da fantasia. Um adorno pode converter-se num instrumento de tortura e uma peça de vestir num testemunho inquietante. Nestas histórias se introduzem o medo como componente erótico e a vontade de dominar por meio da sedução. Os relatos que suas obras constroem são contos de fadas ambíguos nos quais o bem e o mal se confundem, mesmo porque estas definições não chegam a explicar as pulsações humanas profundas.

Alina Tortosa, Buenos Aires, junho de 2000